



*Os Números do Amor* ♣ LIVRO II

SARAH MACLEAN

*Dez formas  
de fazer  
um coração  
se derreter*



*Para Chiara,  
que foi embora para a faculdade  
e não se importou que eu roubasse seus livros.  
E seu gato.*

# PRÓLOGO



*Não se pode negar que há uma verdadeira epidemia espalhando-se entre as moças de Londres – uma trágica realidade que termina em nada menos do que a pior situação possível.*

*Estamos nos referindo, é claro, à solteirice.*

*Com tantas damas em nossa bela cidade tão lamentavelmente afastadas da brilhante luz da dádiva do casamento, chega a ser um crime que esses jovens e promissores botões talvez nunca tenham a chance de florescer!*

*Assim, cara leitora, foi pensando no bem público que compilamos uma lista de soluções testadas ao longo do tempo para simplificar a mais assustadora das tarefas: conseguir um marido.*

*Apresentamos, humildemente, as Lições para Conquistar um Lorde.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

*Townsend Park  
Dunscroft, Yorkshire*

**L**ady Isabel Townsend estava na velha sala de visitas do único lar que já conhecera e se esforçava para ignorar o zumbido em seus ouvidos. Franziu os olhos para o homem pálido e magro parado diante dela.

- Meu pai o enviou.
- Exato.
- Poderia repetir aquela última parte?

Sem dúvida ela havia compreendido mal o que aquele visitante extremamente indesejável dissera.

Ele sorriu, o rosto inexpressivo e sem atrativos. O estômago de Isabel se revirou.

– Sem dúvida – disse ele, a fala arrastada, as palavras serpenteando entre eles no aposento subitamente pequeno demais. – Nós estamos noivos.

– E por nós... entendo que queira dizer...

– Eu e a senhorita. Nós vamos nos casar.

Isabel balançou a cabeça.

– Desculpe-me, mas o senhor é...?

Ele fez uma pausa, obviamente contrariado pelo fato de ela não ter prestado atenção.

– Asperton. Lionel Asperton.

Isabel fez uma anotação mental para rir desse nome lamentável em um momento oportuno. Agora tinha que lidar com o sujeito, que não parecia muito inteligente. É claro, ela aprendera havia muito tempo que os homens das relações de seu pai raramente tinham um intelecto digno de nota.

– E como foi que ficamos noivos, Sr. Asperton?

– Eu ganhei você.

Isabel fechou os olhos, forçando-se a permanecer firme. Para esconder a raiva e a mágoa que as palavras despertaram nela. Que *sempre* despertavam. Ela fitou os olhos claros dele mais uma vez.

– O senhor me ganhou.

Ele não teve nem a elegância de fingir constrangimento.

– Sim, em uma aposta com seu pai.

– É claro. – Isabel bufou de frustração, levemente. – Por quanto?

– Cem libras.

– Ora. Isso é mais do que o costureiro.

Asperton fez um aceno com a mão, descartando as palavras misteriosas, e deu mais um passo em direção a ela, com um sorriso pretensioso.

– Ganhei a rodada. A senhorita é minha por direito. – Ele estendeu a mão e passou um dedo pela face de Isabel. Então baixou a voz para um sussurro: – Acho que nós dois vamos gostar disso.

Ela permaneceu imóvel, esforçando-se ao máximo para evitar o estremecimento que ameaçava tomar conta de si.

– Não tenho tanta certeza.

Ele se inclinou para a frente, e Isabel ficou paralisada pelos lábios do homem – vermelhos, pareciam de cera. Ela se afastou, desesperada para manter uma distância segura, enquanto ele dizia:

– Então vou ter que convencê-la do contrário.

Ela começou a se contorcer ao toque do homem e ficava cada vez mais desconfortável com sua proximidade, então colocou uma velha cadeira es-

garçada entre eles. Uma centelha brilhou nos olhos de Asperton enquanto ele a seguia, chegando mais perto.

*Ele gostava da caça.*

Isabel teria que pôr um fim àquela situação. Imediatamente.

– Lamento que tenha vindo de tão longe em vão, Sr. Asperton. Sabe, eu já sou maior de idade há bastante tempo. Meu pai... – O amargor com que pronunciou a palavra a fez parar de falar por um instante. – Meu pai deveria saber que não pode me prometer em uma aposta. Nunca deu certo antes. Certamente não vai dar certo agora.

Ele parou a perseguição, os olhos se arregalando.

– Ele já fez isso antes?

*Diversas vezes, até de mais.*

– Pelo que vejo, apostar a única filha é aceitável, mas fazê-lo várias vezes de certa forma ofende a sensibilidade do senhor. Estou correta?

Asperton ficou boquiaberto.

– É claro!

Isabel estreitou os olhos para seu pretense noivo.

– Por quê?

– Porque ele sabia que acabaria não cumprindo a aposta!

*Definitivamente, o sujeito era amigo do pai dela.*

– Sim, é claro. Esse é o motivo da afronta indefensável desta situação – disse Isabel, com ironia, virando-se de forma abrupta e abrindo bem a porta do aposento. – Temo, Sr. Asperton, que o senhor seja o sétimo homem que veio me reivindicar como sua noiva. – Ela não pôde conter um sorriso diante da surpresa dele. – E também será o sétimo homem a partir de Townsend Park solteiro.

A boca de Asperton se abriu e se fechou rapidamente, seus lábios grossos fazendo Isabel pensar em um bacalhau.

Ela começou a contar até cinco.

Eles sempre explodiam antes que ela chegasse ao cinco.

– Isso não vai ficar assim! Prometeram-me uma esposa! A filha de um conde!

A voz dele havia se tornado aguda e anasalada, o tom que Isabel sempre associara aos desagradáveis desocupados que se relacionavam com seu pai.

*Não que ela tivesse visto o pai nos últimos seis anos.*

Isabel cruzou os braços, oferecendo ao sujeito seu melhor olhar compreensivo.

– Imagino que ele tenha insinuado um dote substancial também, não é? Os olhos dele se iluminaram, como se enfim tivesse sido compreendido.

– Exato.

Ela quase sentiu pena dele. *Quase*.

– Bem, temo que isso também não vá acontecer. – Quando ele franziu as sobrancelhas, Isabel acrescentou: – Gostaria de um chá?

Ela observou enquanto as engrenagens lentas do cérebro de Asperton completavam sua rotação até que ele anunciou:

– Não! Eu não gostaria de um chá! Vim atrás de uma esposa e, por Deus, vou sair daqui com uma! Com a senhorita!

Tentando aparentar calma, Isabel suspirou e disse:

– Eu realmente esperava que não chegasse a esse ponto.

Asperton estufou o peito ao ouvir isso, compreendendo de forma equivocada o significado do que ela dissera.

– Tenho certeza que esperava. Mas não vou embora desta casa sem a esposa que me prometeram! A senhorita pertence a mim! Por direito!

Então ele pulou em cima dela. *Eles sempre faziam isso*. Isabel deu um passo para o lado, e ele mergulhou pelo portal que levava ao saguão.

Onde as mulheres estavam esperando.

Isabel foi atrás dele e o observou apurmar-se ao notar a presença das três mulheres ali, de pé como soldados bem-treinados, um muro de segurança entre ele e a porta da casa. Certamente ele nunca vira nenhuma mulher assim antes.

É claro que nunca saberia que estava olhando para três mulheres.

Isabel sempre achara que os homens só viam o que queriam ver.

Ela assistiu enquanto o olhar de Asperton passava do cozinheiro para o cavaleiro-chefe, depois para o mordomo.

Ele se virou para Isabel.

– O que é isso?

O cavaleiro-chefe bateu seu chicote de couro enrolado contra a coxa, fazendo Asperton se encolher com o barulho.

– Não gostamos que levante a voz para uma dama, senhor.

Isabel observou as veias no pescoço fino dele vibrarem.

– Eu... eu sou...

– Bem, sabemos o que o senhor *não* é: um cavalheiro, considerando a forma violenta como irrompeu pelo portal do aposento – disse o cozinheiro, apontando com seu grande e pesado rolo de macarrão.

Asperton olhou de novo para Isabel e ela deu de ombros de leve.

– Sem dúvida o senhor não estava partindo para cima de lady Isabel de tal maneira – falou o mordomo, que, em seu traje engomado com perfeição, estudava preguiçosamente o fio do sabre que segurava.

Isabel fez o melhor que pôde para não olhar para o espaço na parede de onde a antiga, e provavelmente cega, espada fora retirada.

*Elas gostavam mesmo de uma performance dramática.*

– Eu... Não!

Seguiu-se um longo momento de silêncio, enquanto Isabel esperou o brilho de suor tomar conta da testa de Asperton. Ela observou enquanto o peito dele subia e descia cada vez mais rápido e só então decidiu intervir.

– O Sr. Asperton estava de saída – anunciou, prestimosa.

Ele assentiu nervosamente, hipnotizado pelo chicote de Kate, que o movia em círculos lentos e ameaçadores.

– Eu... eu estava.

– Acho que ele não vai voltar. Vai, senhor?

Ele ficou sem responder. Kate deixou o couro macio do chicote estalar no chão, e o movimento súbito o tirou do transe. Asperton voltou a prestar atenção e balançou a cabeça com firmeza.

– Não. Acho que não.

A ponta do sabre de Jane atingiu o chão de mármore, fazendo o tinido forte ressoar.

Isabel arregalou os olhos e baixou a voz para um sussurro:

– Acho que é melhor *ter certeza*, senhor.

Ele pigarreou rapidamente.

– Sim. É claro. Quer dizer... não. Não vou voltar.

Isabel então deu um sorriso largo e amigável.

– Ótimo. Devo me despedir do senhor, então. Sei que já sabe onde fica a saída. – Ela indicou a porta, agora ladeada pelas três mulheres. – Adeus.

Isabel então voltou para a sala de visitas e foi até a janela bem a tempo de ver o homem magrelo descer correndo os degraus da entrada, montar em seu cavalo e cavalgar para longe da casa como se os cães do inferno estivessem atrás dele.

Ela soltou um profundo suspiro.  
Só então permitiu que as lágrimas viessem.  
Seu pai a havia prometido em uma aposta.

*De novo.*

A primeira vez fora a mais dolorosa. Era de esperar que ela já estivesse acostumada a tal tratamento a esta altura, mas a verdade a surpreendeu, mesmo assim.

Como se, algum dia, tudo pudesse ser diferente e seu pai pudesse ser algo além do Conde Perdulário.

Como se, algum dia, ele pudesse se importar com ela.

Como se, algum dia, *qualquer um* pudesse se importar com ela.

Por um instante, Isabel se permitiu pensar no pai, um homem que havia largado os filhos e a esposa no campo e voltara a Londres para levar uma vida devassa e escandalosa. Um homem que nunca havia se importado: nem quando a esposa morrera; nem quando os criados, por não quererem passar mais um dia sem pagamento, abandonaram seus empregos todos de uma vez; nem quando sua filha mandara cartas e mais cartas pedindo que ele retornasse a Townsend Park e revitalizasse a casa de campo para que ela recuperasse a antiga glória – se não para Isabel, ao menos para seu herdeiro.

*A única vez que ele havia voltado...*

Não. Ela não ia pensar nisso.

Seu pai. O homem que havia roubado a alegria de sua mãe. Que havia roubado de seu irmão – um bebê – um pai.

Se ele não os houvesse desertado, Isabel nunca teria assumido a responsabilidade pela propriedade. Ela se mostrara à altura do desafio, fazendo o melhor que podia para manter a casa de pé e colocar comida na mesa. Embora não fosse produtiva, a propriedade fora capaz de sustentar – ainda que mal – seus habitantes e inquilinos, enquanto seu pai gastara até o último centavo da renda das terras em atividades escandalosas.

Houvera o suficiente para comer, e a má reputação do Conde Perdulário evitara que visitantes curiosos ousassem se aproximar de Townsend Park, permitindo que Isabel povoasse a casa e a ala dos criados como bem entendesse, longe dos olhos bisbilhoteiros da sociedade.

Mas isso não a impedia de desejar que tudo tivesse sido diferente, que ela pudesse ter tido a chance de ser o que filhas de condes nasciam para ser, que tivesse sido criada sem nenhuma preocupação, com a certeza de que



algum dia brilharia e seria cortejada adequadamente por um homem que se interessaria pelo que ela era, não por ser um espólio de jogos de azar.

Desejar não ser tão solitária.

*Mas desejar nunca a tinha ajudado.*

A porta para o cômodo se abriu e se fechou silenciosamente e Isabel deu uma risadinha autodepreciativa, enxugando as lágrimas do rosto. Enfim ela se virou para fitar os olhos sérios e cúmplices de Jane.

– Você não devia tê-lo ameaçado.

– Ele mereceu – disse a mulher vestida de mordomo.

Isabel assentiu. Asperton tomara o lugar de seu pai naqueles minutos finais. As lágrimas arderam mais uma vez, mas Isabel as manteve distantes.

– Eu o odeio – sussurrou.

– Eu sei – disse Jane, sem sair de seu lugar no vão da porta.

– Se ele estivesse aqui, eu ficaria feliz em matá-lo.

Jane assentiu.

– Bem, parece que isso não será necessário. – Ergueu uma das mãos, revelando um pergaminho. – Isabel, o conde... ele morreu.

# UM



*E o que seriam essas lições, cara leitora, sem um lorde em potencial para conquistar? O cavalheiro para quem a senhorita estudou de forma tão diligente? A resposta, claro, é que seriam praticamente inúteis.*

*Não somos, então, as damas mais sortudas que existem, já que nossa bela cidade abriga os melhores, mais brilhantes, encantados e encantadores solteiros? Temos um verdadeiro tesouro de cavalheiros ricos, solitários e dispostos a se comprometer andando pelas nossas ruas, querendo apenas uma esposa!*

*Encontrar essas preciosidades é uma tarefa complicada, mas não tema, cara leitora! Nós assumimos o trabalho pela senhorita – vasculhamos a cidade atrás dos lordes mais dignos da sua inestimável e incontida atenção.*

*Considere, por assim dizer, o primeiro na nossa lista de lordes eminentemente conquistáveis...*

## *PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

Quando a loura perto da porta piscou para ele, foi a gota d'água.

Lorde Nicholas St. John afundou ainda mais no assento, praguejando baixinho. Quem teria imaginado que um exagero veiculado por uma revista feminina fútil seria o suficiente para transformar todas as mulheres de Londres em tolas insistentes?

A princípio, ele achara engraçado – nada além de uma diversão bem-vinda. Aí os convites haviam começado a chegar. E quando o relógio em sua casa em St. James mal tinha batido duas horas, lady Ponsonby se juntara a eles, alegando ter negócios para discutir: algo relacionado com uma estátua que ela havia adquirido recentemente no sul da Itália. Nick sabia que não era nada disso. Só existia um motivo para uma víbora como lady Ponsonby ir à casa de um solteiro – um motivo que Nick tinha certeza de que lorde Ponsonby não acharia nem um pouco sensato.

Então ele havia fugido. Primeiro se refugiara na Sociedade Real de Antiguidades, isolando-se na biblioteca, longe de qualquer um que já tivesse ouvido falar em revistas femininas, quanto mais lido uma. Infelizmente, o jornalista da tal publicação – Nick se encolheu diante do uso generoso do termo – fizera muito bem sua pesquisa, e, em apenas uma hora, o lacaio-chefe anunciara a chegada de quatro mulheres, em separado, variando em idade e posição social, todas necessitando urgentemente de uma consulta sobre suas esculturas de mármore – e todas tendo insistido em que ninguém além de lorde Nicholas serviria.

Nick bufou com a lembrança. *Esculturas de mármore, claro.*

Ele pagara uma generosa quantia ao lacaio por sua discrição e fugira mais uma vez, agora sem tanta dignidade, pela porta dos fundos da Sociedade Real. Saíra em um beco estreito e sórdido que pouco fizera para animar seu espírito. Puxando a aba do chapéu para baixo a fim de ocultar o rosto, abrira caminho até o santuário, o Dog & Dove, onde permanecera escondido em um canto escuro durante as últimas horas.

Completamente encurralado.

Em geral, quando uma garçonne voluptuosa flertava com ele, Nick ficava mais do que disposto em atentar para seus fartos encantos. Aquela mulher em particular era a 14<sup>a</sup> do dia a atentar para as qualidades *dele*, e Nick já estava farto. Fechou a cara e permaneceu ali, sentindo-se mais sombrio e irritado a cada minuto.

– Tenho que sair desta maldita cidade – bufou.

A risada profunda e retumbante do outro lado da mesa não melhorou seu humor.

– Não duvide nem por um momento de que eu possa mandá-lo de volta para a Turquia – rosnou Nick.

– Espero que não faça isso. Eu odiaria perder a conclusão desse divertido enredo. – Seu amigo, Durukhan, mais conhecido como Rock, virou-se e olhou por cima do ombro, avaliando preguiçosamente a linda jovem. – É uma pena. Ela nem se dá conta da minha existência.

– Garota inteligente.

– O mais provável é que ela apenas acredite em tudo o que lê em suas revistas. – Rock riu quando Nick franziu a testa. – Vamos, Nick, será que isso é tão terrível assim? E daí que as mulheres de Londres foram informadas sobre as suas... qualidades?

Nick se lembrou da pilha de convites à espera de que ele os respondesse – cada um deles de uma família com uma filha solteira – e deu um longo gole na cerveja. Apoiando a caneca de estanho na mesa, resmungou:

– Pois é. Será?

– Eu tiraria vantagem disso, se fosse você. Agora você pode ter qualquer mulher que quiser.

Nick fixou os olhos azuis e frios no amigo.

– Eu estava me saindo muito bem sem essa maldita revista, obrigado.

A resposta de Rock foi um grunhido prudente enquanto se virava para chamar a jovem garçonete. Ela veio rápido como uma flecha e num instante chegou à mesa deles. Inclinando-se bem por cima de Nick para exibir as curvas provocantes, ela sussurrou:

– Milorde? Está... necessitando de algo?

– Estamos, de fato – respondeu Rock.

A mulher insolente sentou-se no colo de Nick e pressionou os seios contra o peito dele.

– Serei qualquer coisa que quiser, querido – falou, a voz baixa e sedutora.

– Qualquer coisa.

Ele afastou o braço dela que estava sobre seus ombros e tirou uma coroa do bolso.

– Uma oferta tentadora, com certeza – afirmou ele, colocando a moeda na mão dela e fazendo-a se levantar. – Mas temo que eu só queira mais cerveja. É melhor você procurar companhia em outro lugar hoje.

A decepção tomou o rosto dela por uma fração de segundo antes que redirecionasse sua atenção para Rock, admirando seu tórax largo, sua pele morena e seus braços fortes.

– E você? Algumas garotas não gostam de homens de pele escura, mas acho que você vai servir muito bem.

Rock não se mexeu, mas Nick percebeu a tensão nos ombros do amigo diante da referência à sua origem.

– Vá para outro lugar – disse o turco, dando as costas à garçonete.

Ela empinou o nariz ante a recusa dos dois e se retirou para buscar a cerveja – ou pelo menos era isso que Nick esperava. Enquanto a observava abrir caminho pelo salão, ele sentiu sobre si a atenção entusiasmada das outras mulheres na taverna.

– São predadoras. Todas elas.

– Parece justo que o *bulan* finalmente saiba o que é ser caçado.

Nick fez uma careta diante do nome turco e da longa história que o acompanhava. Havia anos ninguém o chamava de *bulan* – caçador. O termo não significava nada agora, era só um resquício de seus dias no Oriente, no Império Otomano, quando ele fora outra pessoa – alguém sem nome – com apenas uma habilidade que no final seria sua ruína.

A ironia não lhe passou despercebida. Sua estada na Turquia terminara de forma brusca quando uma mulher voltara a atenção para Nick e ele cometera o erro de se permitir ser capturado – literalmente.

Havia passado 22 dias em uma prisão turca antes de ser resgatado por Rock e despachado para a Grécia, onde jurara deixar o *bulan* para trás.

Na maior parte do tempo, ficava feliz por ter feito isso. Agora vivia apaziguado pelo mundo de Londres, os negócios relativos a sua propriedade e suas antiguidades. Mas havia dias em que sentia saudades daquela vida.

Ele preferia muito mais caçar do que ser caçado.

– As mulheres sempre ficam assim perto de você – observou Rock, fazendo Nick voltar ao presente. – Você só está mais consciente disso hoje. Não que eu entenda o interesse delas. Você é um sujeito bem fei...

– Está querendo levar um soco, não está?

O rosto do turco se abriu em um sorriso largo.

– Lutar comigo em um bar não seria um comportamento adequado a um cavalheiro exemplar como você.

Nick franziu as sobrancelhas para o amigo.

– Eu arriscaria minha reputação pelo prazer de tirar esse sorriso do seu rosto.

Rock riu mais uma vez.

– Todo esse interesse feminino perturbou sua cabeça, se você acha que poderia me derrubar. – Ele se inclinou para a frente e apoiou os braços na mesa entre eles, destacando sua força. – O que aconteceu com seu senso de humor? Você teria achado isso extremamente divertido se tivesse acontecido comigo. Ou com seu irmão.

– Pois é, mas aconteceu comigo.

Nick inspecionou o salão e grunhiu quando um homem alto de cabelos pretos entrou, cruzando a porta do estabelecimento. O recém-chegado fez uma pausa assim que colocou os pés no salão, correndo os olhos pelas pessoas e parando, finalmente, ao avistar Nick. Então o sujeito ergueu uma

sobrancelha, achando graça, e começou a se dirigir à mesa deles, abrindo caminho pela multidão.

Nick lançou um olhar acusador para Rock.

– Você está pedindo para ser mandado de volta para a Turquia. Não, implorando.

Rock olhou por cima do ombro para o recém-chegado e abriu um sorriso amplo.

– Teria sido muito antipático de minha parte não convidá-lo para a diversão.

– Que sorte. Confesso que não achei que seria capaz de chegar perto desse *lorde londrino disponível para conquista* – disse uma voz baixa e divertida.

Nick ergueu os olhos e viu seu irmão gêmeo, Gabriel St. John, o marquês de Ralston, parado próximo à mesa. Rock se levantou e deu um tapinha nas costas de Gabriel, convidando-o a se juntar a eles. Depois que se sentou, Ralston continuou:

– Embora fosse de esperar encontrá-lo aqui... – Ele fez uma pausa. – Se escondendo. Covarde.

Nick franziu as sobrancelhas enquanto Rock ria.

– Eu estava justamente comentando que, se *ocê* fosse eleito um dos lordes londrinos disponíveis, Nick teria desfrutado imenso prazer com seu sofrimento.

Gabriel se recostou na cadeira, sorrindo como um idiota.

– Sem dúvida, teria. E, ainda assim, você não parece muito animado, irmão. Por quê?

– Suponho que você esteja aqui para rir da minha provação – falou Nick. – Mas sem dúvida tem coisas melhores a fazer. Ainda tem uma esposa para entreter, não tem?

– Decerto que tenho – disse Gabriel, o sorriso se suavizando. – Apesar de ela quase ter me expulsado, para ser sincero, estava ansiosa demais para que eu o encontrasse. Ela vai oferecer um jantar na quinta-feira à noite e reservou um lugar para vocês dois. Não quer lorde Nicholas perambulando melancolicamente pelas ruas nessa noite, sem destino, atrás de uma esposa.

Rock deu um sorriso afetado.

– É perfeitamente possível que ele fosse fazer exatamente isso se esse convite não tivesse surgido.

Nick ignorou o amigo.

– Callie é leitora daquele lixo?

Ele esperava que a cunhada estivesse acima dessas coisas. Se ela tivesse lido, não havia esperança.

Gabriel se inclinou para a frente.

– O artigo desta semana todos nós lemos. Você trouxe respeitabilidade para o nome St. John, Nick. Finalmente. Bom trabalho.

A garçonete voltou e deixou outra rodada de bebidas na mesa. Olhou para Nick, depois para Gabriel e para Nick de novo, enquanto uma expressão de surpresa e, em seguida, de prazer tomava conta de seu rosto. Gêmeos eram bastante raros, e as pessoas tendiam a encarar os irmãos St. John quando eles se aventuravam em público juntos. Nick percebeu que não tinha paciência para a curiosidade dela. Desviou o olhar enquanto Gabriel pagava a garota generosamente, dizendo:

– É claro que mulheres que me cobiçavam devem estar felicíssimas por terem uma segunda chance. Com ou sem título, você pelo menos tem a minha beleza, ainda que seja uma versão menor e mais jovem dela.

Os olhos azuis de Nick se estreitaram na direção do irmão e do amigo, que agora gargalhavam como idiotas. Erguendo sua cerveja, ele brindou à dupla.

– Que os dois vão direto para o inferno.

Gabriel ergueu sua caneca.

– Creio que valeria a pena só para vê-lo tão irritado. Não é a pior coisa do mundo ser rotulado como solteiro disponível, Nick. Posso atestar que o casamento não é a prisão que eu acreditava ser. É muito agradável, na verdade.

Nick se recostou na cadeira.

– Callie o amoleceu, Gabriel. Não se lembra das mães aos gritos e filhas enjoativas, todas esperando atrair sua atenção?

– Nem um pouco.

– É porque Callie é a única mulher disposta a ficar com você apesar de seu histórico de devassidão e vícios – observou Nick. – Minha reputação é bem menos maculada do que a sua costumava ser. Sou um partido muito mais valioso, que Deus me proteja.

– Acho que o casamento pode lhe fazer bem.

Nick ficou em silêncio, apenas fitando sua cerveja, por tempo suficiente para que seus companheiros achassem que ele não responderia.

– Acho que todos nós sabemos que o casamento não é para mim – disse, enfim.

Gabriel soltou um grunhido evasivo.

– Devo lembrá-lo de que eu achava o mesmo. Nem todas as mulheres são como a megera sem coração que quase fez com que você morresse, Nick – comentou Gabriel.

– Ela era só uma entre muitas – respondeu Nick, e em seguida deu um longo gole na cerveja. – Obrigado, mas aprendi a interagir com minhas mulheres da melhor forma possível: em encontros breves e sem emoção.

– Eu não me vangloriaria por ser breve se fosse você, St. John – falou Rock, dando um sorriso largo para Gabriel antes de continuar. – O seu problema não são as mulheres que o escolhem, mas as que você escolhe. Se não fosse tão atraído por aquelas que bancam a vítima, poderia ter mais sorte com o sexo frágil.

Rock não tinha dito nada que Nick já não soubesse. Desde a juventude ele tivera uma queda por mulheres em apuros. E, ainda que entendesse que isso era uma de suas maiores fraquezas – tendo lhe causado mais problemas do que soluções –, parecia incapaz de resistir a damas do tipo.

Então ele mantinha suas mulheres a distância. As regras eram claras: nada de amantes, nada de encontros regulares e, definitivamente, nada de casamento.

– Bem, de qualquer modo – completou Gabriel, com leveza –, vou me divertir imensamente enquanto você passa no meio desse corredor polonês.

Nick fez uma pausa, dando mais um gole antes de se recostar e colocar as mãos espalmadas na mesa.

– Sinto decepcioná-lo, mas não pretendo passar no meio de corredor polonês nenhum.

– Ah, é? Como espera evitar as mulheres de Londres? Elas são caçadoras do mais alto calibre.

– Elas não podem caçar se a presa se esconder – retrucou Nick.

– Você vai embora? – Gabriel não parecia feliz. – Para onde?

Nick deu de ombros.

– Obviamente já fiquei mais do que devia em Londres. Posso partir para o continente. Ou para o Oriente. Para as Américas. Rock? Você está se coçando por uma aventura há meses. Para onde gostaria de ir?

Rock ficou pensativo.



– Não para o Oriente. A última vez que estivemos lá não foi nada boa. Eu preferiria manter distância.

– É justo – disse Nick. – Às Américas, então.

Gabriel balançou a cabeça.

– Você ficaria fora por um ano, pelo menos. Já se esqueceu de que temos uma irmã que acabou de debutar e que precisa de um par? Não vai me deixar sozinho para lidar com um evento que pode ser um desastre só porque teme a atenção de um punhado de damas.

– Um punhado! – protestou Nick. – Elas são um enxame. – Ele fez uma pausa, considerando as opções. – Não me importo muito com o lugar para onde irei... desde que não haja mulheres por lá.

Rock pareceu alarmado.

– Nenhuma?

Nick riu pela primeira vez naquela noite.

– Bem, não *nenhuma*, obviamente. Mas seria pedir muito que não houvesse mulheres que tenham lido aquela revista ridícula?

Gabriel ergueu uma sobrancelha.

– Muito provavelmente.

– St. John.

Os três cavalheiros se viraram ao ouvir o nome de Nick. O duque de Leighton estava parado ao lado da mesa. Alto e de ombros largos, ele teria sido um excelente viking se não fosse um duque, com os cabelos louros e a expressão dura. Mas hoje Nick percebeu que o homem parecia ainda mais rígido do que o normal.

– Leighton! Junte-se a nós. – Nick puxou com o pé uma cadeira próxima.  
– Salve-me desses dois.

– Sinto muito, mas não posso ficar – disse o duque, as palavras saindo entrecortadas. – Vim procurar você.

– Você e quase toda a população feminina de Londres – falou Gabriel, rindo.

O duque o ignorou enquanto se sentava e colocava as luvas na mesa arranhada. Depois de se virar para ficar de frente para Nick, quase bloqueando Rock e Gabriel da conversa, ele falou:

– Acho que você não vai gostar do que eu vim lhe pedir.

Nick pediu à garçonete um copo de uísque, profundamente consciente da angústia no olhar do amigo.

– Envolve fazê-lo se casar? – perguntou Gabriel com a voz seca.

Leighton pareceu surpreso.

– Não.

– Então acho que Nick vai atender seu pedido.

O duque deu um longo gole no uísque e buscou a atenção de Nick:

– Não tenho tanta certeza. Veja, não vim aqui atrás de Nick. Vim aqui atrás do *bulan*.

Um longo silêncio se seguiu. Rock e Gabriel se enrijeceram, mas não disseram nada e se limitaram a observar Nick atentamente. Nick inclinou-se para a frente, colocou os antebraços na mesa e juntou os dedos. Quando respondeu, foi em voz baixa, sem desviar os olhos de Leighton:

– Eu não faço mais isso.

– Eu sei. E eu não pediria se não precisasse de você.

– Quem?

– Minha irmã. Ela sumiu.

Nick se recostou na cadeira.

– Não vou atrás de fugitivos, Leighton. Devia chamar as autoridades.

A frustração de Leighton o fez se inclinar para a frente em um movimento precipitado.

– Pelo amor de Deus, St. John. Você sabe que não posso fazer isso. Vai estar nos jornais assim que eu for à polícia. Preciso do *bulan*.

Nick se encolheu diante da palavra. Ele não queria ser o caçador de novo.

– Eu não faço mais isso. Você sabe.

– Pagarei o que você quiser.

Gabriel riu disso, e o duque deixou escapar um rosnado.

– O que há de tão divertido nisso?

– Só a ideia de que meu irmão aceitaria pagamento. Não creio que você vá convencê-lo oferecendo dinheiro, Leighton.

O duque fechou a cara.

– Sabe, Ralston, você nunca foi o meu gêmeo favorito.

– A maioria das pessoas acha a mesma coisa – retrucou Gabriel. – Eu lhe garanto que isso não me incomoda nem um pouco. Na verdade, confesso que estou até um pouco surpreso por você estar aqui, dignando-se a falar conosco, considerando a nossa “linhagem duvidosa”. Não é assim que você se refere a nós?

– Gabriel, já chega – disse Nick, evitando que o irmão fosse longe demais mexendo no passado.

Leighton pelo menos teve a decência de ficar envergonhado.

Por muitos anos, os gêmeos St. John, apesar de serem aristocratas, haviam sido o alvo principal do desprezo do jovem Leighton. O escândalo que havia se abatido sobre a casa Ralston quando os gêmeos eram pequenos – sua mãe abandonara o marido e os filhos – tornara-os a presa ideal para as famílias mais imaculadas da alta sociedade, e Leighton, que era da turma dos dois irmãos em Eton, nunca deixara de lembrá-los dos atos desonrosos de sua mãe.

Até que um dia Leighton passou dos limites e Nick o imprensou contra a parede.

Esmurrar um duque não era algo de que o segundo filho de um marquês pudesse se safar em Eton; Nick sem dúvida teria sido expulso da escola se o irmão gêmeo não tivesse assumido a responsabilidade pelo ocorrido. O futuro marquês de Ralston fora mandado para casa antes do fim do período, e Leighton e Nick chegaram a uma trégua hesitante, sem que ninguém soubesse o que de fato ocorrera.

A trégua se transformara em uma espécie de amizade, que florescera nos anos seguintes em Eton e murchara durante o período que Nick passara viajando pelo continente. Leighton já ascendera ao ducado e sua fortuna havia financiado, em grande parte, as expedições de Nick e Rock aos recessos obscuros do Oriente.

Leighton tivera um papel importante na criação do *bulan*.

*Mas Nick não era mais aquele homem.*

– O que você sabe?

– Nick... – começou Rock, falando pela primeira vez desde a chegada do duque.

Mas Nick ergueu a mão para silenciá-lo.

– Mera curiosidade – disse, apenas.

– Sei que ela sumiu – começou Leighton. – Levou dinheiro e um punhado de objetos que considera inestimáveis.

– Por que ela iria embora?

Leighton balançou a cabeça.

– Não sei.

– Sempre há um motivo.

– Pode ser que haja, mas eu não sei qual é.

– Quando?

– Há duas semanas.

– E você só veio me procurar agora?

– Ela havia planejado uma viagem para visitar uma prima em Bath. Passaram-se dez dias até eu perceber que ela havia mentido para mim.

– E a criada dela?

– Eu a ameacei e ela acabou confessando que Georgiana foi para o norte. Ela não sabia nada além disso. Minha irmã foi muito cuidadosa em cobrir seus rastros.

Nick se recostou na cadeira, a mente a mil, o corpo retesado de energia contida. Alguém havia ajudado a garota. Ainda a estava ajudando, já que ela não desistira e voltara para a casa do irmão. Fazia anos desde que ele localizara alguém pela última vez – havia se esquecido da emoção de uma nova busca.

*Mas esta não era mais sua vida.*

Viu o olhar preocupado do duque.

– Ela é minha irmã, Nick – disse Leighton. – Você sabe que eu não lhe pediria se fosse outra pessoa.

As palavras atingiram Nick profundamente. Ele também tinha uma irmã. E faria o que fosse preciso para mantê-la em segurança.

*Maldição.*

– Milorde?

Nick se virou ao ouvir uma voz feminina hesitante e viu duas moças de pé ao lado da mesa, observando-o avidamente.

– Pois não? – disse, cauteloso.

– Nós... – começou a falar uma delas, mas parou, insegura.

A outra a empurrou na direção dele.

– Sim? – perguntou Nick.

– Somos fãs.

Ele piscou.

– De...?

– Do senhor.

– Minhas.

– Sem dúvida! – exclamou a outra garota, com um sorriso largo.

Então ela se aproximou, estendendo algo que parecia uma...

Nick praguejou baixinho.

– Estaria disposto a autografar nossa revista?

Ele ergueu a mão.

– Eu estaria, meninas, mas estão falando com o irmão errado. – Então apontou para Gabriel. – *Ele é* lorde Nicholas.

Rock bufou enquanto as duas desviaram a atenção para o marquês de Ralston, uma cópia deslumbrantemente linda de sua presa, e balbuciararam seu entusiasmo.

Gabriel mergulhou de imediato no personagem, dando um sorriso brilhante para as garotas.

– Eu ficaria feliz em autografar sua revista. – Pegou o periódico e a pena que elas estenderam e acrescentou: – Sabem, devo confessar que esta é a primeira vez que chamei a atenção de damas estando na presença de meu irmão. Ralston sempre foi considerado o mais bonito de nós dois.

– Não! – protestaram as garotas.

Nick revirou os olhos.

– É verdade. Perguntem a qualquer um. Todos vão lhes dizer que o marquês é o mais bem-apeado. Tenho certeza de que já ouviram isso. – Ele ergueu os olhos para elas com um sorriso sedutor. – Podem admitir, meninas. Não ficarei magoado.

Gabriel levantou a revista, exibindo a capa, que alardeava: *Nesta edição: Os Lordes Londrinos Disponíveis!*

– Sim... não há dúvidas de que isso vai fazer maravilhas pela minha reputação. Fico tão feliz em ver que está correndo a notícia de que estou à caça de uma esposa!

As garotas quase morreram de prazer.

Sem achar aquilo nem um pouco divertido, Nick olhou para Leighton.

– Norte, você disse?

– Sim.

– *Norte* é um lugar enorme. Poderíamos levar semanas para encontrá-la – advertiu Rock.

Nick olhou para as duas garotas entusiasmadamente perto de Gabriel e então de volta para os homens à mesa.

– Estou disposto a fazer a viagem.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)